



SEMINÁRIO 30 ANOS DO MODELO DOS CAMPOS SEMÂNTICOS  
INSTITUTO FEDERAL DE SÃO PAULO IFSP – CAMPUS SÃO PAULO  
21 - 23 | Setembro | 2022

## UM ENSAIO SOBRE A LEITURA PLAUSÍVEL, A DIFRAÇÃO E A ESCOLA (OU UMA TENTATIVA DE PRODUZIR LEITURAS PLAUSÍVEIS DIFRATIVAS SOBRE UMA ESCOLA)

Lucas Ferreira Gomes<sup>16</sup>

<https://orcid.org/0000-0002-4002-2218>

João Ricardo Viola dos Santos<sup>17</sup>

<https://orcid.org/0000-0003-4560-4791>

**Resumo:** Este trabalho consiste em um primeiro ensaio que busca promover algumas aproximações entre a leitura plausível e a leitura difrativa para ler as coisas que se passam em uma escola de anos iniciais. Assim, esta investigação se fundamenta teórica e metodologicamente nas ideias do Realismo Agencial de Karen Barad, bem como no Modelo do Campos Semânticos proposto por Romulo Lins. Com elas, se pretende produzir leituras plausíveis difrativas sobre uma narrativa ficcional de um cotidiano escolar, baseada em nossas próprias vivências e experiências. Estas leituras consideram o contexto, a cultura, as relações, as interações e as ações que constituem uma escola de anos iniciais. A partir deste movimento de leitura, é possível concluir que escolas são espaços únicos, onde um emaranhado de relações coabita, dando a cada escola um modo único de ser, um fenômeno.

**Palavras-chave:** Educação Matemática; Modelo dos Campos Semânticos; Realismo Agencial. Leituras. Escola. Anos Iniciais.

### Introdução

<sup>16</sup> Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, [lucasgomis@hotmail.com](mailto:lucasgomis@hotmail.com).

<sup>17</sup> Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, [joao.santos@ufms.br](mailto:joao.santos@ufms.br).



## SEMINÁRIO 30 ANOS DO MODELO DOS CAMPOS SEMÂNTICOS INSTITUTO FEDERAL DE SÃO PAULO IFSP – CAMPUS SÃO PAULO

21 - 23 | Setembro | 2022

Quando pensamos em uma escola de anos iniciais, logo nos vem na mente salas de aulas alegres, cheias de desenhos e um abecedário pregado acima da lousa, as crianças correndo pelo pátio, as professoras<sup>18</sup> mais criativas, as amarelinhas desenhadas no chão, a pedagoga ou coordenadora que vive numa salinha na qual as crianças, em sua maioria, querem passar longe, entre tantas outras características que marcam este nível de ensino.

Ao olharmos as pesquisas na área da educação, percebemos que olhares, em sua maioria, são voltados para aquilo que ela se propõe a fazer: ensinar e aprender; desconsiderando um emaranhado de relações e afetações das coisas que acontecem dentro e fora dos quatro muros da escola. Assim, o que propomos com este texto – também como objeto de estudo de uma tese em devir – é olhar para a escola e produzir plausíveis difrativas, permitam-nos assim chamar, sobre uma escola de anos iniciais, não do ponto de vista das pessoas, mas das relações, dos acontecimentos, das intra-ações, das afetações, dos emaranhados, dos movimentos que (se) constituem (n)este espaço.

Portanto, não pretendo olhar para o que acontece dentro da sala de aula, como um espaço isolado do contexto escolar, mas como mais um dos múltiplos espaço-significação que se apresenta dentro deste contexto. Nesta perspectiva, este ensaio busca trazer uma primeira aproximação entre a leitura plausível, fundada na teorização do modelo dos campos semânticos de Rômulo Lins, e a difração, conceito proposto por Donna Haraway e que Karen Barad utiliza ao propor sua teoria intitulada como Realismo Agencial. A ideia não é sobrepor olhares, mas firmar-se nas convergências destas teorizações para produzir leituras das coisas que acontecem dentro da escola investigada e que dão a ela um contorno, um formato e características que a torna diferente de todas as outras escolas.

Na perspectiva teórica de Barad (2007), difração é uma metáfora utilizada para descrever a sua abordagem metodológica utilizada para ler percepções, uma através da outra, atendendo e respondendo aos detalhes e especificidades das relações de diferença e de como elas vêm a importar. É experimentar diferentes padrões de relacionalidade e tem uma implicação material de se colocar em risco, perturbando as próprias ideias (BARAD, 2012).

Já a leitura plausível, apresenta-se como uma tentativa de ler o sujeito pelo que ele efetivamente tem e diz, pois ao se realizar uma leitura plausível há uma tentativa de se colocar no lugar do outro, buscando entender o porquê ele diz o que diz. De modo menos formal,

---

<sup>18</sup> As professoras pelo simples fato de que há um consenso de que a docência da educação infantil aos anos iniciais é um ofício feminino.



## SEMINÁRIO 30 ANOS DO MODELO DOS CAMPOS SEMÂNTICOS INSTITUTO FEDERAL DE SÃO PAULO IFSP – CAMPUS SÃO PAULO

21 - 23 | Setembro | 2022

pode-se dizer que o exercício de estabelecer uma plausibilidade, nos termos dessa teoria, é buscar compreender o que está sendo dito sem fazer comparações, sem buscar a falta de alguma coisa no texto para que tenha sentido (BATHELT; DANTAS; FERREIRA, 2014).

Portanto, entendemos que estes dois campos teóricos nos fornecem elementos e perspectivas para olhar para escola e a forma com ela se apresenta. Uma vez que compartilhamos com a perspectiva de Tosta (2011, p. 248), que destaca que “uma escola constitui e é constitutiva de espaços e tempos que se enredam a partir da interação e de convivência entre diferentes”.

Com base nestas ideias, é que se propõe neste trabalho produzir leituras plausíveis difrativas para uma narrativa de um cotidiano escolar. Os episódios que compõem esta estória são ficcionais e inspirados em nossos próprios emaranhados com este ambiente, isto é, uma narrativa cuja descrição imaginária e ficcional de lugares, personagens e diálogos, resulta num fabricar de mundos cotidianos; versões de mundo, na expressão de Goodman (1990).

### **O Modelo dos Campos Semânticos**

O Modelo dos Campos Semânticos (MCS) é um quadro teórico proposto por Romulo Lins que serve de base para a produção de leituras plausíveis nos processos de produção de significados e conhecimentos para um objeto no interior de uma atividade. Leitura plausível “porque “faz sentido”, “é aceitável neste contexto”, “parece ser que é assim”; [...]” (LINS, 2012, p.23). Apresenta-se como uma tentativa de ler o sujeito pelo que ele efetivamente tem e diz, pois ao se realizar uma leitura plausível há uma tentativa de se colocar no lugar do outro, buscando entender o porquê ele diz o que diz.

Como afirma Lins (2012, p. 23) “ela indica um processo no qual o todo do que eu acredito que foi dito faz sentido. Outra maneira de dizer que faz sentido em seu todo, é dizer que o todo é coerente (nos termos de quem eu constituo como um autor do que estou lendo)”. Um ponto relevante desse modo de produzir leitura, diz respeito ao fato de que o contexto é uma condição necessária para a produção de leituras.

Assim, o MCS nos auxilia na interpretação e na compreensão das interações, a partir da produção de leituras. Porém, cabe destacar que a tentativa de ler as interações requer um olhar para a diferença nas direções de interlocução. As noções centrais do MCS são objeto, significado e conhecimento.



**SEMINÁRIO 30 ANOS DO MODELO DOS CAMPOS SEMÂNTICOS  
INSTITUTO FEDERAL DE SÃO PAULO IFSP – CAMPUS SÃO PAULO**

**21 - 23 | Setembro | 2022**

De maneira geral, objeto caracterizado como qualquer coisa sobre a qual uma pessoa está falando e objetos são constituídos como tal pela produção de significados para eles.

Não se trata de ali estão os objetos e aqui estou eu, para a partir daí eu descobrir seus significados; ao contrário, eu me constituo como ser cognitivo através da produção de significados que realizo, ao mesmo tempo em que constituo objetos através destas enunciações. (LINS, 1999, p. 86)

Já significado é tido como tudo aquilo que alguém pode e efetivamente diz sobre um objeto em uma dada situação (no interior de uma atividade) (LINS, 2012). Portanto, este conceito “Não remete a tudo o que alguém poderia dizer do objeto numa dada situação e sim ao que realmente é dito” (BATHELT; DANTAS; FERREIRA, 2014, p. 4).

Para entendermos o que é conhecimento, precisamos refletir sobre o que é um interlocutor. O interlocutor é “uma direção na qual se fala” (LINS, 2012, p.19) e que indica uma crença de quem fala: “Quando falo na direção de um interlocutor é porque acredito que este interlocutor diria o que estou dizendo e aceitaria/adotaria a justificação que me autoriza a dizer o que estou dizendo” (LINS, 2012, p.19). E, essa justificação, segundo Lins, “É apenas o que o sujeito do conhecimento (aquele que o produz, o enuncia) acredita que o autoriza a dizer o que diz” (LINS, 2012, p.21). Aí, já convém lembrar logo que, segundo Lins, “Um conhecimento consiste em uma crença-afirmação (o sujeito enuncia algo em que acredita) junto com uma justificação” (LINS, 2012, p.12).

Com isso, justificação apresenta-se como elemento constituinte e essencial do conhecimento. A partir do momento que o sujeito produz conhecimento, ele também constrói justificações próprias que o permitem dizer o que efetivamente diz. Sobre tais justificações, Lins (1999) argumenta que ao permitirem a uma pessoa dizer algo garantem a legitimidade de sua enunciação. Desta maneira, entende-se o conhecimento caracteriza-se como uma construção própria do sujeito, possuindo um caráter particular e legítimo (LINS, 2004).

Para tanto, o MCS estabelece que não há leitor sem texto e não há texto sem leitor. E à medida que alguém produz significados, o faz na direção de um interlocutor que esse alguém acredita que diria o que ele está dizendo. A legitimidade reside no fato de que “esse alguém acredita fazer parte de um certo espaço comunicativo. Disso decorre que, toda a produção de significados é dialógica no sentido cognitivo. O ser cognitivo não pode ser sozinho, embora o biológico possa” (BATHELT; DANTAS; FERREIRA, 2014, p. 5).



### O Realismo Agencial

O Realismo Agencial proposto por Karen Barad é uma das correntes teóricas do novo materialismo e apresenta uma virada ontológica pós-humanista. O cerne desta teorização é o emaranhado quântico, ou seja, um entrelaçar entre ontologia e epistemologia. Tal teorização busca explicar como a matéria é produzida, levando em consideração que ela não é uma propriedade, uma substância, uma essência etc. (BARAD, 2007), mas é tida como uma entidade cuja imanência dá condição para processos diversos de materialização (BARAD, 2007).

Portanto, Barad considera os fluxos de matéria e os processos diferenciais de materialização e que dão condição para a materialização das noções de humano e humanidade, bem como suas fronteiras, sentidos e propriedades (BARAD, 2007). Além disso, ela utiliza a concepção de performatividade apresentada por Judith Butler, que a conceitua como uma maneira de compreender os processos materiais e discursivos cujas relações diferencialmente produzem posições de sujeito e noção de humanidade (BUTLER, 1990). Em relação ao Realismo Agencial, este conceito é empregado na forma de se envolver criticamente com o caráter imanente da matéria e analisar simultaneamente as consequências materiais, éticas e políticas das práticas científicas do conceito intra-ação (BARAD, 2007).

Assim, Barad (2007) traz como unidade ontológica básica o fenômeno. Para ela, não há partículas elementares e propriedades, e sim fenômenos; as fronteiras e propriedades dos componentes dos fenômenos se tornam determinadas através de intra-ações agenciais específicas. Em que fenômenos são descritos como arranjos experimentais, ou seja, como configurações materiais do mundo.

Barad (2007) sugere um corte agencial, no intuito de separar sujeito e objeto, e que segundo a autora, resolve uma indeterminação ontológica e semântica. Isto significa que as diferenças são produzidas, mas não encontradas (não há separação preexistente) (BARAD, 2012). Em outras palavras, não há como estabelecer, a *priori*, a distinção entre objeto observado e o aparato experimental usado para sua observação (o corte agencial) (BARAD, 2007). O que significa dizer que, ao contrário dos cortes cartesianos de ontologias de substância, os cortes agenciais não produzem separações absolutas, um ‘corte junto’ como um movimento (BARAD, 2012).



## SEMINÁRIO 30 ANOS DO MODELO DOS CAMPOS SEMÂNTICOS INSTITUTO FEDERAL DE SÃO PAULO IFSP – CAMPUS SÃO PAULO

21 - 23 | Setembro | 2022

Para tanto, esta teórica defende a perspectiva performativa que se afasta de características e limites para práticas que executam fenômenos particulares. Destarte, a noção de performatividade lança luz sobre como o ambiente e as relações com os humanos não são definidas a priori ou pré-determinadas, mas efetivadas na prática em seus emaranhados.

O emaranhado significa que a existência não é individualizada, mas uma condição que emerge da relação com outros elementos. No que concerne, indivíduos (humanos ou de outra natureza material) não preexistem a essas relações, eles emergem delas e esse processo de emergência possibilitado por este emaranhamento é o que se considera por intra-ação (BARAD, 2007). Sob tal óptica, “todos os corpos, porém não limitados a corpos humanos, materializam-se mediante essa interativa intra-atividade do mundo, sua performatividade” (BARAD, 2012, p. 69). Onde a performatividade caracteriza-se como o modo como todos os fenômenos sedimentam-se contextualmente e materializam-se localmente, isto é, seus limites, contornos e relações causais estabelecidas entre os componentes materiais e discursivos que o constituem e que são, a partir de intra-ações, performatizados.

Ademais, Barad retoma de Donna Haraway (1999) o conceito de difração, que torna possível rastrear diferenças e entender no que e como elas importam nesses processos diferenciais de materialização (BARAD, 2012). Compreender a importância das diferenças e entendê-las como um processo relacional e contingente permite questionar as dimensões materiais e discursivas que engendraram essas diferenças (BARAD, 2007).

### **Aspectos Metodológicos**

Olhando para o contexto de uma escola de anos iniciais, buscamos constituir um modo de ler as diferenças das coisas que, simplesmente, acontecem. Não uma leitura qualquer, mas um coabitar entre a produção de leituras plausíveis e a produção de leituras difrativas, que chamaremos de leitura plausível difrativa, das situações mais gerais de interação nalgum cotidiano comum apresentado em uma narrativa, fundada em nossas experiências de habitar este universo emaranhado de relações que é a escola.

Haraway (1999) remete a um efeito ótico no qual as mudanças na direção da luz geram imagens deslocadas, produzidas pela quebra da luz em variadas direções, criando padrões de interferência. Desta forma, o modelo difrativo de leitura “não indica onde aparecem as diferenças, mas onde aparecem os efeitos da diferença” (HARAWAY, 1999, p.



126). Nesta perspectiva, Barad afirma que a difração reflete “a natureza emaranhada das diferenças que importam [...] A difração é uma prática material para fazer a diferença, para reconfigurar topologicamente conexões.” (BARAD, 2007, p. 381).

Já o MCS sugere que, dentro de certos limites (culturais), é sempre possível produzir o que Lins (2012, p. 23) denomina de uma leitura plausível: “ela indica um processo no qual o todo do que eu acredito que foi dito faz sentido.” Isto é, procurar por uma coerência, em base de uma justificação, na qual aquilo me pareça fazer sentido. A ideia é “ter o outro na pele” (BARAD, 2007, p. 392).

Assim, o que se pretende é dar diferentes enfoques para as coisas que acontecem dentro do espaço escolar, na tentativa de entender as relações que instituem a escola apresentada. Seus tempos, seus espaços, seus sujeitos e os significados, na tentativa de traduzir os emaranhados que constituem esta escola em especial em suas multiplicidades.

### **Mais Um Dia em Uma Escola**

São 5 e 30 da manhã em mais uma segunda-feira. Logo é possível ouvir um barulho no cadeado e o grande portão de lata se abre. Lá vem ela, roupa branca, um sapato batido, uma bolsa de alça pendurada nos ombros, uma sacola na mão e na outra um cigarro. Ela anda todo o pátio da escola, apagando as luzes, conferindo se tudo está no lugar, até chegar na última sala, tentar abrir a fechadura e resmunga “Quantas vezes eu já pedi pra arrumar essa porcaria e nada. Eu juro que amanhã eu trago um martelo”, com um pouquinho a mais de força ela conseguiu. Abre a porta, acende a luz, coloca a água pra ferver, prepara a toalha da mesa, abre a sacola e de lá tira alguns pães, um potinho de manteiga e um litro de leite. Ela abre o leite e coloca numa jarra. Prepara a mesa, cõa o café e deixa a garrafa na mesa e a cobre com uma toalha. “Ufa! Já está quase na hora”, diz ela. Sai andando pelo pátio abrindo todas as salas. No meio do caminho ouve um barulho do portão e entram mais três mulheres, falando e rindo alto. Logo ela grita,

- “Nossa! O que aconteceu? Derrubaram vocês da cama?”.

- “É segunda. Esta semana tem o tal dia das crianças. O trabalho vai ser dobrado”, retruca uma delas.

- É verdade. Que coisa, tinha me esquecido completamente. Esta semana as acrianças vão fazer a festa.



**SEMINÁRIO 30 ANOS DO MODELO DOS CAMPOS SEMÂNTICOS  
INSTITUTO FEDERAL DE SÃO PAULO IFSP – CAMPUS SÃO PAULO**

**21 - 23 | Setembro | 2022**

- Eles fazem a festa e a sujeira sobra é pra gente (risadas).

- Deixa eles fazerem bagunça. Já sofrem demais coitados, eles merecem algumas alegrias. Não acham?

- Verdade. A maioria dessas crianças não possui estrutura nenhuma em casa. Que exemplo de família eles têm, rezo todo dia pra que não caiam nesse mundão, mas sempre caem né? Ô, sina maldita.

Logo chega uma senhora toda esbaforida, óculos na cabeça e cheias de sacola nas mãos e vai em direção as mulheres que conversavam.

- “Bom dia, meninas”, diz ela. “Nossa! Como estou cansada! Parece que nem teve final de semana e estamos aqui novamente! Trouxe algumas bexigas, copos e papel toalha pra nossa festa”.

- “Olha, diretora só você mesmo pra aguentar tudo isso. Imagino que não desliga um minuto disso daqui”, responde a merendeira que havia chegado mais cedo. “Você comprou estas coisas com que dinheiro?”.

- “Sabe como é? Chorei aqui. Pedi ali. Tirei um pouquinho do bolso e deu pra trazer isto. Nossos recursos não tem dado nem pra merenda. Sem contar a fiação da quadra que levaram novamente né? Não sei o que vou fazer! Os alunos da EJA estão fazendo educação física aqui no pátio”.

- “Pois é!”, responde uma a merendeira. “Mas nada da prefeitura?” Quando eles vão vir fazer estas reformas? Você falou que o dinheiro da merenda não tá dando? Semana que vem já não teremos mais arroz e nem carne. Já estamos fazendo a carne desfiada pra ver se rende um pouco mais”.

- “Já pedi. Já falei. Mandeí ofício. Envolvi o vereador do bairro, mas ninguém dá nenhuma luz”. Mas ano que vem tem campanha né? Alguma coisa o prefeito vai querer fazer pra se aparecer. Mas vamos parar de falar de problema porque já estamos cheios deles, pode ser que apareçam mais (risos)”.

- Verdade.

- “Ah! As professoras vão começar a trazer o refri que pedi pra elas pra nossa festinha de quinta. Espero que dê! Alguns pais ficaram de trazer também. O mercado irá mandar a salsicha e o pão vem quarta a tarde. Acho que dá né? Vocês vão querer ajuda pra fazer o bolo, aí peço para quem puder vir ajudar”, diz a diretora.





**SEMINÁRIO 30 ANOS DO MODELO DOS CAMPOS SEMÂNTICOS  
INSTITUTO FEDERAL DE SÃO PAULO IFSP – CAMPUS SÃO PAULO**

**21 - 23 | Setembro | 2022**

- “Opa! Vamos precisar sim”, responde a merendeira. “Se não der a gente vê na hora, divide o pão em dois, faz qualquer negócio. O importante é que as crianças fiquem felizes”.

De repente, começa a chegar as crianças de todo tipo. Com suas caixas de som no último volume logo pela manhã. O funk é a preferência geral das crianças. Uma a uma as professoras também vão chegando, cada uma mais carregada que a outra. Sacolas, bolsas, caixas etc., é tanta tralha que nem dão conta de segurar direito. Bibliotecária, secretária, profissionais do administrativo logo vão chegando também, mas algo está estranho, pois o porteiro da escola ainda não chegou. A diretora preocupada pede para alguém da secretaria acompanhar a entrada do pessoal. Aproveita e entra na sala dos professores para dar alguns avisos.

- Olá, pessoal! Como passaram o final de semana? Descansaram?

Algumas professoras dizem que sim, outras dizem que não, pois tiveram que levar muitas tarefas para corrigir em casa.

- “Meninas. Como vocês sabem a professora Jaqueline acabou desistindo das aulas já fazem duas semanas. A lista de professores para contrato do município está rodando, mas ninguém quer vir pra cá. Não sei se essa semana, ou na próxima vamos ter alguém. A turma da professora Marina também estará sem ninguém, pois ela irá ao médico hoje, pode ser que entre de licença novamente”, começa a falar a diretora que é interrompida pela professora Ângela.

- Diretora! Vou ficar de novo sem assistente? Sabe como está o primeiro ano, eles são pequenos precisam de ajuda pra tudo. A Marina vai novamente ao médico? Desse jeito também vou, também estou com crise de ansiedade. Quem aguenta esses alunos? Só sabem falar palavrão, parece que primeiro aprendem a falar palavrão pra depois falar papai ou mamãe. Uma falta de respeito generalizada”, esbraveja a professora.

- “Ângela, depois a gente conversa. A gente sabe da realidade dos nossos alunos, eles não são fáceis. A maioria vive com pais alcoólatras ou drogados, isso tudo é reflexo do que eles veem em casa. Mas hoje pode seguir com a Vanessa, sua assistente. A Mari vai assumir a turma e a Francine (pedagoga) vai pra sala, vamos só torcer pra não ter nenhuma briga”, responde a diretora.

- “Que Deus me proteja e me dê paciência. Esta turma não é nada tranquila”, responde Francine.



## SEMINÁRIO 30 ANOS DO MODELO DOS CAMPOS SEMÂNTICOS INSTITUTO FEDERAL DE SÃO PAULO IFSP – CAMPUS SÃO PAULO

21 - 23 | Setembro | 2022

O sinal bate. As professoras vão levando os alunos para sala. Ao determinar dos gritos, as caixinhas de som vão silenciando, dando lugar a algazarra das crianças entrando nas salas. A diretora vai ajudando como pode, tentando acalmar os alunos e as professoras. Até que seu telefone toca, ela atende e fica chocada com o que ouve. Era a esposa do porteiro, que estava ligando pra avisar que, enquanto saía de casa e fechava o portão, ele havia sido assaltado e, na tentativa de salvar a sua moto, reage ao assalto e é baleado. Ainda desorientada com o acontecido, vai até a secretaria avisa o pessoal. Eles se reúnem, fazem uma prece pra que ele fique bem e se recupere. Em seguida, pede para trancar o portão e tenta seguir com as suas atividades. Afinal, a escola não pode parar.

No outro lado da escola, as merendeiras começam a preparar o lanche dos alunos. Conforme o planejado no cardápio da semana, segunda e sexta sempre é dia de uma refeição completa. Não demora muito até que a galerinha se reúna na porta da cozinha. Um deles já pergunta:

- Tia! Hoje tem pão? Tô com dor de cabeça.
- Sim, hoje tem pão. Inclusive, hoje tem manteiga e leite. Cheguem e sentem aqui pra comer.
- “Oba!” Uma menina responde. “Ontem a comida foi tão pouquinha em casa”.
- “Sério?”, pergunta a merendeira.
- “Sim. Acho que minha mãe nem conseguiu comer”.

Ela sem saber o que dizer, fala pra menina comer o pão que logo sairia a merenda e ela poderia se servir melhor. Eles se alimentam desesperados, porém felizes. Alguns palavrões aqui, alguns desentendimentos ali, outros tentam cantar uma música, etc. Mas no fim ela pensa “está tudo bem”. Após devorarem tudo o que tinha, voltam pra suas atividades.

As professoras dos quintos anos, como combinado, usam os primeiros momentos da manhã para cuidar da horta da escola que foi produzida por todos. De forma muito animada, alguns alunos molham os canteiros, outros retiram as folhas e legumes que estão estragados para jogar fora e outros ajudam a coletar os mantimentos que serão usados para produzir as saladas da merenda.

- “Nossa! Quem viu estas crianças e os vê hoje não acreditam”, diz uma professora.
- “Verdade! No começo do ano como sofremos, até a gente conseguir fazer tudo isso gastava praticamente toda a manhã. Pareciam animais”, responde a outra professora rindo.



**SEMINÁRIO 30 ANOS DO MODELO DOS CAMPOS SEMÂNTICOS  
INSTITUTO FEDERAL DE SÃO PAULO IFSP – CAMPUS SÃO PAULO**

**21 - 23 | Setembro | 2022**

- “Professora! Professora! Professora!”, interrompe uma aluna. “Será que vão dar tomates para gente levar? Eu gosto tanto! Levei semana passada comemos tudo na janta!”.

- “Vai sim... Acho que já tem o suficiente pra gente mandar pra casa”, responde a professora.

- “Que bom prô! A vovó vai ficar feliz”.

Eles encerram as atividades, juntam os legumes e as hortaliças e levam para cozinha. Durante o percurso, algumas coisas caem, mas lavando tudo fica bom. Assim que retornam para a sala, os alunos do quarto ano entram em ação: vão até a horta e ajudam a separar os legumes e hortaliças que serão doados para as famílias da escola que mais precisam.

Lá da horta é possível ouvir alguns gritos. Eles vêm do pátio da escola, lá está a professora Ana Maria e o aluno Miguel, que está em mais um de seus surtos. Miguel é um aluno de inclusão que possui diagnóstico de TOD e déficit de atenção. Com muita paciência ela tenta conversar com o aluno, pede pra ele respirar e relaxar, mas desta vez ele está relutante. Grita, joga as lixeiras no chão, corre, pula, fala alguns palavrões etc. Neste momento, a diretora deixa tudo o que está fazendo e tenta ajudar Ana Maria.

- “Professora! De novo o Miguel? O que será desta vez?”, ela pergunta.

- “Ele deve estar muito ansioso. Eu disse a turma que ia passar recolhendo o dever, mas ele esqueceu. Como já havia dito que não ia poder participar da festa na quinta feita quem deixasse de trazer a tarefa esta semana, ele acha que eu não vou deixá-lo participar”, responde a professora Ana Maria.

- “Miguel! Miguel! Calma! Claro que você vai participar da festa na quinta! Você traz a tarefa amanhã para a professora”.

- “Não! Ela disse que não ia aceitar”, esbraveja o menino seguindo de vários xingamentos.

- “Vai sim! Já conversei com ela. Todo mundo vai participar da festa”, responde a diretora.

Após muito diálogo, o menino parece se acalmar.

*O que acontece a partir daí, deixamos a cargo da imaginação de cada leitor.*

### **Algumas Leituras**



## SEMINÁRIO 30 ANOS DO MODELO DOS CAMPOS SEMÂNTICOS INSTITUTO FEDERAL DE SÃO PAULO IFSP – CAMPUS SÃO PAULO

21 - 23 | Setembro | 2022

Para a leitura destes acontecimentos, partimos do pressuposto de “há diferentes perspectivas de diferentes mundos – e não visões diferentes de um mesmo mundo” (COSTA, 2014, p. 71). Por isso, o que queremos com este texto é produzir leituras plausíveis difrativas para um objeto que se apresenta, no caso uma escola. Não só a matéria escola, enquanto espaço físico. Mas os fenômenos que se produzem dentro de um emaranhado de relações que a institui.

“Para o MCS não existe o significado de um ‘objeto’ sem referência ao contexto em que se fala de um objeto (que se pensa com ele, que se pensa sobre ele)” (LINS, 2012, p.28). Por isso, passemos a olhar para o contexto no qual esta escola está inserida. Como ele influencia as coisas que se passam dentro da escola? No mínimo temos dois contextos: o social e o político, que demarcam esta escola de forma peculiar. De um lado, temos uma escola que está em um bairro, aparentemente, perigoso, permeado pelas drogas e pela criminalidade. Em paralelo a realidade familiar dos alunos, marcada pelo desemprego, pela fome, pela desestrutura, etc. Influenciado diretamente na forma como os alunos falam, se comportam, comunicam-se etc. e no próprio cotidiano escolar (o porteiro que é baleado, a professora que desistiu, a fiação que foi roubada etc.). Por outro lado, temos uma escola que foi deixada pelos órgãos governamentais, implicando nos problemas estruturais, na falta de segurança, na insuficiência de recursos para as coisas básicas, etc.

Não se pode deixar de lado como este contexto impacta diretamente na organização e funcionamento da escola. Realmente é possível afirmar que esta influência acontece? Independentemente do que se passa “a escola não pode parar”, como diz a diretora. Por isso, as pessoas devem assumir outras funções, mesmo que seja por um breve período de tempo (como a pedagoga que vai pra sala de aula, devido à falta de professor; o assistente administrativo que vai para o portão cuidar da entrada dos alunos; a diretora que vai desempenhar o papel da pedagoga ao atender as situações emergentes), as atividades educativas devem ser adaptadas para atender as demandas do contexto (como a educação física que está acontecendo no pátio pela falta de energia) e o custeio para as despesas sair do bolso das pessoas da escola (como os insumos para a festa dos dias das crianças ser custeado pela diretora, professoras, pais etc.).

Como o emaranhamento de relações que se dá neste espaço influencia nas relações dos sujeitos? As práticas destas pessoas também podem ser construídas ou impactadas



## SEMINÁRIO 30 ANOS DO MODELO DOS CAMPOS SEMÂNTICOS INSTITUTO FEDERAL DE SÃO PAULO IFSP – CAMPUS SÃO PAULO

21 - 23 | Setembro | 2022

mediante ao contexto em que estão inseridos? Pois bem, quando a merendeira chega com uma sacola com pães, leite e manteiga não se sabe ao certo qual é motivo, mas quando os alunos à procuram descobrimos que ela estava no aguardo deles, pois sabia que a fome levaria as crianças a procurá-la. Da mesma forma, que a merenda a ser ofertada na segunda e na sexta deveria ser uma refeição completa, pois não se sabe se as crianças terão, ou não, o que comer no final de semana; bem como a produção da horta, na tentativa de complementar o lanche a ser ofertado pela escola e doar para as famílias carentes. Não podemos deixar de lado a mobilização das pessoas para que a festa do dia das crianças aconteça, mesmo que seja com a oferta de tempo, dinheiro ou trabalho fora de hora, e a professora que deixa uma turma toda para acalmar um aluno em surto. Enfim, “teias emaranhadas que tecemos” (BARAD, 2007, p. 384).

Nesta leitura, também cabe a percepção do outro, isto é, como o que eu penso do outro irá influenciar na forma como eu me relaciono com ele. Basta ver a forma como a merendeira olha para os alunos com compaixão – na perspectiva de que eles são vítimas da sociedade – a levando a tentar fazer algo para ajudá-los. Enquanto as professoras acreditam que os alunos são difíceis, mesmo apresentando uma melhora no comportamento (pareciam bichos). Além disso, temos a professora Ângela que a acredita que a professora Marina está fazendo corpo mole por ir ao médico novamente para tentar um afastamento para tratamento de saúde.

Também, percebemos que a cultura é um fator determinante. Uma vez que o contexto apresentado acima nos leva a perceber que o funk, o palavrão, as brigas e os xingamentos podem ser insights daquilo que os alunos vivenciam em seu dia a dia, dentro e fora do ambiente escolar. Não se pode deixar de lado, a fala da merendeira “A maioria dessas crianças não possui estrutura nenhuma em casa. Que exemplo de família eles têm, rezo todo dia pra que não caiam nesse mundão, mas sempre caem né? Ô, sina maldita”, levando ao entendimento de que muitos alunos acabam trilhando o caminho das drogas pela influência da sociedade em que estão inseridos.

*Sabemos que aqui outras leituras cabem, mas deixaremos ela ao cago do leitor.*

### Algumas considerações



## SEMINÁRIO 30 ANOS DO MODELO DOS CAMPOS SEMÂNTICOS INSTITUTO FEDERAL DE SÃO PAULO IFSP – CAMPUS SÃO PAULO

21 - 23 | Setembro | 2022

O presente trabalho foi produzido na tentativa de olhar para as coisas que acontecem dentro de uma escola. Com base nas ideias de leituras difrativas, fundadas no Realismo Agencial de Karen Barad (2007) e nos trabalhos de Donna Haraway (1999), e de leitura plausível, proposta a partir do Modelo dos Campos Semânticos de Rômulo Lins (2012), nos propomos a produzir uma leitura plausível difrativa sobre a escola.

No que concerne, “podemos entender padrões de difração – como padrões de difração que fazem diferença – como constituintes fundamentais que compõem o mundo” (BARAD, 2007, p. 72), no caso, uma escola que se apresenta a partir das práticas que nela se efetivam, as relações entre as pessoas, o contexto em que ela está inserida, a cultura das pessoas que partilham deste espaço, entre tantas outras relações imagináveis e inimagináveis.

Para tanto, nos apoiamos em uma narrativa de um cotidiano escolar, cujos os episódios que compõem esta estória são ficcionais e inspirados em nossos próprios amaranhados, vivências e experiências com o cotidiano de uma escola.

A partir deste movimento de leitura, é possível concluir que escolas espaços únicos, onde um emaranhado de relações coabita. Percebemos isto, quando olhamos para as diversas coisas que se passam dentro e, até mesmo, fora da escola. Tais acontecimentos nunca são uniformes ou lineares, cada dia é um dia. As práticas se sobrepõem e, simplesmente, tudo acontece ao mesmo tempo, são “novas configurações, novas subjetividades, novas possibilidades – [em que] até os menores cortes são importantes” (BARAD, 2007, p. 384). Tratam-se de enredamentos entre sujeitos, práticas, contextos, culturas e significados, que se articulam, de dilatam, se contraem, se organizam, se relacionam, se estipulam, criando uma trama própria que, de alguma forma, caracterizam esse ambiente em particular, esse fenômeno.

### REREFÊNCIAS

BARAD, K. **Meeting the University Halfway: quantum physics and the entanglement of matter and meaning.** Durham: Duke University Press, 2007.

BARAD, K. **Intra-actions:** interview of Karen Barad by Adam Kleinmann. **Mousse** 34, v. 3, n. 2, p. 76–81. 2012.

BATHELT, R. E.; DANTAS, S. C.; FERREIRA, G. F. Leitura plausível sobre interação online em um curso de GeoGebra na perspectiva do MCS. In: ENCONTRO PARANAENSE



SEMINÁRIO 30 ANOS DO MODELO DOS CAMPOS SEMÂNTICOS  
INSTITUTO FEDERAL DE SÃO PAULO IFSP – CAMPUS SÃO PAULO

21 - 23 | Setembro | 2022

DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 12., 2014, Campo Mourão. **Anais eletrônicos...** Campo Mourão, 2014.

BUTLER, J. Gender trouble: feminism and the Subversion of Identity. **Gender trouble**, v. 3, n. 1, 1990.

COSTA, C. L. Equivocação, tradução e interseccionalidade performativa: observações sobre ética e prática feministas descoloniais. In: BIDASECA, K. et al. (org.). **Legados, genealogias y memorias poscoloniales: escrituras fronterizas desde el Sur**. Buenos Aires: Godot, 2014. p. 273-307.

GOODMAN, N. **Maneras de hacer mundo**. Madrid:Visor, 1990.

HARAWAY, D. Las promesas de los monstruos: Una política regeneradora para otros inapropiados/bles. **Política y sociedad**, n. 30, p. 121-164, 1999.

LINS, R. C. Por que discutir teoria do conhecimento é relevante para a Educação Matemática. In: BICUDO, M. A. V. (Org.). **Pesquisa em educação matemática: concepções e perspectivas**. Rio Claro: Editora Unesp, 1999, p. 75-94.

LINS, R. C. Matemática, monstros, significados e educação matemática. In: BICUDO, M. A. V.; BORBA, M. C. B. (Org.). **Educação Matemática: pesquisa em movimento**. São Paulo: Cortez, 2004, p. 92-120.

LINS, R. C. O modelo dos campos semânticos: estabelecimentos e notas de teorizações. In: ANGELO, C. L. *et al* (Org.). **Modelo dos campos semânticos e educação matemática: 20 anos de história**. São Paulo: Midiograf, 2012, p. 10-20.

TOSTA, S. Antropologia e educação: interfaces em construção e as culturas na escola. **Inter-Legere**, Natal, n. 9, p. 234-252. 2011.